4

ESAÚ E JACÓ: UM DIÁLOGO ENTRE A BÍBLIA E O MIDRASH

ESAU AND JACOB: A BIBLICAL DIALOGUE WITH THE MIDRASH

Daisy Wajnberg

É psicanalista. Doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas na USP, com a tese *O gosto da glosa* – Esaú e Jacó na tradição judaica (2003). Publicou em 1997 o livro *Jardim de arabescos* – uma leitura das mil e uma noites (Imago-Fapesp).

RESUMO

O artigo, a partir de um procedimento comparativo, aponta desdobramentos literários da Bíblia, tal como revista pelos rabinos nos primeiros séculos da nossa era. O *midrash* – assim como outros produtos literários na tradição judaica – encontra a sua sustentação na idéia da Bíblia como texto sagrado; o texto sagrado, entretanto, sofre uma transformação radical no comentário *midrash*. A autora demonstra a afirmação anterior analisando a transformação da história de Esaú e Jacó, assim como o seu significado, na narrativa bíblica e no *midrash*.

PALAVRAS-CHAVE

Midrash; Esaú e Jacó; texto literário; texto sagrado; interpretação social.

ABSTRACT

This article points to the literary consequences of the Bible, as viewed by rabbis of the first centuries of this era. The *midrash* – as well as other literary products of Jewish tradition – finds support in the idea that the Bible as a sacred text; however, the sacred text suffers a radical transformation in the *midrash* commentary. The author demonstrates this in an analysis of the changes in Esau and Jacob's story, as well as its meaning, from the biblical narrative to the *midrash*.

KEYWORDS

Midrash; Esau and Jacob; literary text; sacred text; social interpretation.

Este trabalho comparativo pretende apontar alguns desdobramentos literários da Bíblia, tal como revista pelos rabinos nos primeiros séculos da nossa era. O *midrash* – assim como outros produtos literários na tradição judaica – encontra a sua sustentação na idéia da Bíblia como texto sa-

grado. Porém a narrativa bíblica transforma-se radicalmente no comentário do *midrash*, como veremos por meio da história de Esaú e Jacó.

O conflito entre Esaú e Jacó destaca-se no marco dos relatos patriarcais. Nessas histórias sobre os ancestrais do povo de Israel, há, evidentemente, um plano que é o da aliança com Deus e sua escolha do herdeiro. Entretanto, temos aqui um impressionante quadro das relações humanas no interior da família. Aliás, a Bíblia hebraica não prima mesmo pela idealização – rivalidades sucedem-se ao longo do livro de Gênesis, e seu tratamento vai se tornando cada vez mais denso.

Posicionada no centro da obra, a história de Esaú e Jacó retoma o tema da luta entre irmãos que se estende por todo o Gênesis, lançando novas luzes sobre a questão fraterna. sobretudo com o aprofundamento na representação dos personagens – todos os atores do drama familiar são apresentados de forma complexa, com seu caráter problemático, falível ou mesmo eticamente duvidoso. De fato, os escritores bíblicos nada pouparam quanto aos nossos heróis ancestrais, embora o estilo usado seja tão econômico.

Dois capítulos não-consecutivos, 25 e 27, relatam esse confronto entre Esaú e Jacó em torno do direito à sucessão no clã familiar. Segundo os costumes seria Esaú o herdeiro, pois nasceu antes do irmão. Mas o primogênito Esaú é deslocado por Jacó no seu direito à herança e sucessão. Primeiramente, Esaú vende seu direito de primogênito ao irmão em troca de comida[1]. E depois, mediante um ardil, Jacó usurpa do irmão a posição privilegiada de herdeiro, ganhando a bênção paterna que o confirma como tal[2]. Eis a grande ironia dessa história: de que Jacó, o terceiro e último dos patriarcas, o grande ancestral gerador das doze tribos de Israel, é na verdade um trapaceiro, que acede ao posto glorioso da forma mais escusa possível.

O capítulo 25 rapidamente esboça duas séries de fatores trançadas na história. Uma é grandiosa; a outra se passa no miúdo do terreno humano. No âmbito do sagrado, uma única vez Deus interfere ao pronunciar-se no oráculo a Re-

[1] *Bíblia Sagrada*, Gênesis, 25.

[2] Id. ibid., Gênesis 27.

beca. Logo no início do capítulo, diante da aflita Rebeca em sua conturbada gravidez, ele anuncia o destino dos irmãos[3]: "duas nações em teu ventre, duas pátrias de tuas entranhas se separarão. Uma pátria mais que uma pátria se afirmará: o maior servirá ao menor"[4]. Mas a seguir o narrador volta-se para as bem humanas preferências de pai e mãe pelos respectivos filhos. Isaac amava Esaú e Rebeca amava Jacó – a sorte está lançada no detalhe trivial das predileções amorosas dos pais, que darão ensejo à tremenda ruptura posterior. Os contrastes são nítidos entre irmãos: Esaú é o caçador e Jacó, o sedentário. Também suas personalidades se opõem: Esaú é um homem bruto, dominado pelas necessidades naturais, enquanto Jacó mostra-se cerebral, planejando minuciosamente suas ações.

Sagrado e profano – um dos ingredientes mais interessantes dessa narrativa é a maneira pela qual se cruzam ordens tão díspares, às vezes resultando em tensões e dissonâncias, mas afinal coincidindo. No entanto, o mais elevado e o mais baixo acomodam-se também em outro sentido. Segundo as palavras de Deus, o que está em jogo entre os irmãos vai além do nível familiar – trata-se da origem de dois povos diferentes, que constituirão duas nações separadas.

Esaú será o ancestral epônimo de Edom, reino avassalado por Israel durante a monarquia davídica do século X, ao passo que Jacó é o ancestral do povo de Israel. Em outras palavras, o âmbito familiar dessa antiga narrativa – cujos protagonistas são basicamente pai, mãe e dois irmãos – é ampliado para o plano etiológico-nacional, à luz de acontecimentos muito posteriores à suposta época dos patriarcas. Como aponta Claus Westermann[5], o vaticínio divino seria uma inserção tardia em relação aos documentos javista e elohista, provavelmente na instância de redação final do Pentateuco ao redor do século V. Todavia, esse acréscimo oferece novo molde interpretativo para antigas tradições patriarcais que relatavam a rivalidade entre os gêmeos nascidos de Rebeca e Isaac.

---

[3] Id. ibid., Gênesis 25:23.

[4] CHOURAQUI, André. *No Princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 259.

[5] WESTERMANN, Claus. *Genesis 12-36*: a commentary. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1985, p. 411-413.

Embora admitindo a natureza composta dessa narrativa, o oráculo tem relevo ímpar nela. Em primeiro lugar, porque essas são as palavras atribuídas a Deus e, portanto, as mais autorizadas. O oráculo estabelece uma espécie de centro de significações, atraindo possíveis nexos para a história. Em cada encruzilhada narrativa, as palavras de Deus nos voltam à memória. No capítulo 25, o esperto Jacó se aproveita da fome de Esaú para conseguir que ele lhe venda seu direito de herdeiro, mas essa ambição afinal só confirma a escolha divina de antemão colocada. No capítulo 27, Jacó é instigado pela mãe, Rebeca. Ela é a autora do plano que ludibria o pai cego à beira da morte, fazendo Jacó apresentar-se diante dele como se fosse Esaú. Ora, pode-se pensar, a maquiavélica Rebeca obedece por linhas tortas ao desígnio divino traçado desde o início. E assim, de justificativa em justificativa, a responsabilidade pelo ato traiçoeiro afasta-se até perder a sua força inquietante. O texto certamente permite essa leitura teológica sem, contudo, se esgotar nela.

É no capítulo 27 que se joga todo o peso da questão ética, principalmente quanto ao caráter de Jacó. No relato teatral, de alta voltagem dramática, somos conduzidos a assistir a diversas cenas em que interagem os personagens aos pares. Passo a passo se desenrola a ação: o pai cego quer abençoar Esaú, mas Rebeca convence Jacó a tomar o lugar do irmão. Jacó apresenta-se a Isaac e obtém a bênção por meio de fraude. Esaú vem ao pai e pede-lhe a bênção – esse é o clímax do capítulo, quando pai e filho desesperados descobrem que foram enganados. Já não há como voltar atrás – Jacó é o herdeiro, mas tem de fugir da fúria homicida de Esaú, dirigindo-se a Padan Aram, à casa do tio, Labão.

Para o crítico Robert Alter, a técnica narrativa bíblica utiliza um "paradoxal foco duplo" no tratamento dos assuntos humanos[6]. No caso de Esaú e Jacó, isso é bem discernível. Ao cruzar diferentes padrões no interior da narrativa, criando uma tensão, desestabilizam-se as certezas – a busca do sentido já não se resolve com respostas fáceis. De um lado, o plano

[6] ALTER, Robert , *The art of biblical narrative*. New York: Basic Books Publishers, 1981, p. 125: "I would suggest that causation in human affairs is itself brought into a paradoxical double focus by the narrative techniques of the Bible".

da História tal como concebida por Deus. Esse é o terreno no qual se assenta a leitura etiológica do relato – Jacó dará continuidade à linhagem, fundando o povo de Israel. Jacó tem a seu favor os direitos religiosos e nacionais, mas isso nada afirma a respeito do seu caráter. Ao contrário, até. Embora de maneira sutil, somos levados a questionar – ou ao menos fazer uma pausa para reflexão – quanto à probidade do herói, Jacó. Sem qualquer julgamento explícito, é a sensível exposição da dor dos prejudicados no centro do capítulo 27 que dirige a atenção para esse foco ético. Na medida em que as linhas de sentido coexistem sem se anular – frente à ambigüidade, a compreensão do texto deve ser matizada.

Pois bem, com esses elementos ressaltados, é possível voltar agora para a literatura rabínica do *midrash*. Refiro-me ao *midrash agadá*, ou seja, aquele comentário que se detém nas narrativas e não nas prescrições legais da Bíblia. O *midrash* basicamente é uma rede de comentários a respeito de passagens bíblicas que não apenas são "explicadas" como também reconstruídas de forma bastante criativa. Não se trata, portanto, de mera paráfrase do texto bíblico, mas da sua leitura inventiva, o qual é muitas vezes revirado e até transtornado radicalmente. Assim, aquilo que se apresenta como comentário de fato atinge a categoria de ficção – o *midrash agadá* é a narrativa sobre a narrativa, que se edifica sobre a literatura bíblica.

No afã de apreender os sentidos mais recônditos do texto sagrado, o trabalho do midrashista dirige-se à fina observação dos pormenores formais – o tamanho das letras, a grafia estranha de certas palavras, problemas na construção da frase – nada passa despercebido. É como se estivéssemos diante de uma crítica literária *avant la lettre*, que perscruta a superfície textual e incorpora os seus recursos literários em arranjo novo. A leitura do *midrash* é ousada, muitas vezes extravagante, como se forçasse o texto bíblico a confessar o que ele de fato não disse.

Além disso, o *midrash* raramente se satisfaz com um único comentário, bem de acordo com a lógica multiplicadora da literatura oral. Vários fragmentos interpretativos dispõem-se numa mesma unidade, criando um coro de vozes comentadoras, uma conversa de possíveis sentidos para a mesma frase bíblica, nem sempre convergentes. Aparentemente o comentário dirige-se a determinado trecho da Bíblia.

Por que, por exemplo, Jacó tanto quis tomar a bênção de Esaú? Para responder a essa questão, o midrashista lança mão de diversos versículos pertencentes a outros livros bíblicos, os chamados "textos de prova". Disparam-se frases de todos os lados, freqüentemente sem qualquer preocupação com o contexto de onde surgiram, apenas aproximados os versículos por índices formais. Tudo isso dificulta a leitura, embora a estratégia seja clara: demonstrar inequivocamente a unidade de todo o *Tanakh*, obrigar o leitor a estudá-lo.

Com essas pinceladas, espero ter indicado a riqueza da literatura do *midrash* e sua enorme sofisticação. O momento em que esses textos foram produzidos é muito posterior à narrativa patriarcal da Bíblia – os primeiros séculos da nossa era. A obra em questão, *Bereshit Rabá* ou *Gênesis Rabá*, cristalizou-se ao redor do ano 400, em que diversos *midrashim* foram selecionados e reunidos na primeira coleção de comentários sobre um livro narrativo da Bíblia. Porém, os rabinos midrashistas não estavam apenas fazendo literatura. Seus comentários buscavam oferecer respostas às difíceis questões do seu tempo, eles têm precisa função didática.

O império romano, finalmente convertido ao cristianismo. Após 360, com a tentativa de restauração do paganismo pelo imperador Juliano, uma onda repressiva atinge também os judeus. Mas a questão é, sobretudo, teológica, além de política. Pois essa Roma cristã pleiteia-se como a autêntica herdeira das antigas escrituras dos judeus, inteiramente relidas à luz do advento de Cristo. Trata-se de uma ameaça jamais vista – essa pretensão aos direitos e bênçãos de Israel. E então surge *Gênesis Rabá*, configurando a resposta rabínica a tal questionamento.

Qual é o destino dos irmãos nessa obra? Jacó, o patriarca gerador das doze tribos de Israel, será exaltado aqui na mesma proporção em que se execram os seus oponentes. O antigo relato da rivalidade fraterna passa pela "re-interpretação, com vistas a desacreditar os inimigos de Israel, ao mesmo tempo em que se glorifica Jacó – entendido como virtualmente idêntico ao povo judeu"[7]. Mas dentre todos os inimigos do povo judeu, ergue-se Esaú como modelo maior.

[7] ABERBACH, Moses. *Encyclopaedia judaica*. Jerusalém: Keter, 1971, p. 1198.

Em Gênesis Rabah, Esaú – o ancestral epônimo do povo de Edom – torna-se o representante da Roma cristã. Na perspectiva do embate entre arquétipos nacionais, Esaú e Jacó passam a encarnar certos princípios. Esaú, identificado como malfeitor, bruto vicioso – opõe-se diametralmente a Jacó, a perfeita ilustração do piedoso Israel. Bem diverso do registro bíblico, portanto, as tintas no *midrash* aparecem calcadas e nítidas. Tomemos uma afirmação de Gênesis Rabá 63:6: antes mesmo de nascer, Jacó se debatia no ventre quando Rebeca passava diante das sinagogas. Esaú, por sua vez, se agitava perante os templos idólatras. A visada é pronunciadamente ideológica: importa mesmo provar a justeza do argumento segundo o qual Israel reverterá a atual proeminência da Roma cristã, assim como Jacó soube erigir-se como o autêntico sucessor na sua geração.

Nessa empreitada se acionam artifícios de toda espécie. Por que então Esaú nasceu antes do irmão, ocupando o lugar de primogênito? – pergunta-se em Gênesis Rabá 63:8. Eis a irretorquível lógica do midrashista: "porque a primeira gota [de sêmen] era a de Jacó. Pois considere o seguinte: se colocarmos dois diamantes num tubo, não é o que foi colocado primeiro que sairá por último? Assim, a primeira gota de sêmen foi aquela que formou Jacó". Em suma, não haveria nenhuma questão em torno do direito de primogenitura, que tanto rendeu na história bíblica. Para o *midrash*, Jacó sempre foi o primeiro desde o momento da concepção.

A bem da verdade, o contexto governa a interpretação do *midrash*. A oposição entre Israel e a Roma cristã faz com que o texto ganhe viés programático. Buscando instruir no momento presente, o *midrash* toma o atalho da apologia. Assim os rabinos acabam por se descartar dos elementos inquietantes do drama familiar bíblico, subtraindo aos personagens qualquer laivo de ambigüidade. Porém essa simplificação – o engessamento dos personagens em categorias morais definidas – se estabelece por meio de um labirinto retórico. Com a fina observação da linguagem, no acúmulo de textos e mais textos de prova, dispondo de múltiplas camadas interpretativas para uma mesma frase bíblica, a literatura do *midrash* envolve o leitor em tamanha teia textual que, estonteado, ele quase se esquece da premissa redutora: de que Esaú é perverso e Jacó, o devotado estudioso da Lei.

Que ninguém se engane. Ambos são textos sofisticados, a Bíblia e o *midrash*. Mas suas estratégias diferem profundamente. Com respeito à caracterização dos personagens, na Bíblia tão sóbria e sintética, esparramam-se sugestões riquíssimas na duplicidade e na dubiedade da natureza humana. Arte da reticência, a narrativa bíblica jamais é sumária, deixando ampla margem de possibilidades para que "se decida" o ponto de vista no ato da leitura. Já o *midrash* opera uma espécie de "correção" do texto bíblico. "Dedicando-se a limpar o bom nome de Jacó, enquanto obscurecia aquele de Esaú"[8], *Gênesis Rabá* oferece uma versão "melhorada", apaziguadora quanto ao caráter escuso das ações de Jacó, o futuro pai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert. *The art of biblical narrative*. New York: Basic Books Publishers, 1981.

CHOURAQUI, André. *No princípio* (Gênesis). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

ABERBACH, Moses. *Encyclopaedia judaica*. Jerusalém: Keter, 1971.

BÍBLIA HEBRAICA.

Midrash Rabbah. Traduzido para o inglês pelo Rabino Dr. H. Freedman, com notas, glossário e índices de H. Freedman e Maurice Simon, com introdução do Rabino I. Epstein. London: Soncino Press, 1939.

WESTERMANN, Claus. *Genesis 12-36* – a commentary. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1985.

[8] Id. Ibid., p. 1200.